



# Qual a verdadeira cor desta nossa gente morena?

O Censo é uma necessidade porque precisamos saber quantos somos, quem somos, quais serão os caminhos futuros do Brasil. Os administradores precisam desses dados para programar, para planejar. O planejamento de uma sociedade depende muito desse conhecimento prévio. Mas nenhuma sociedade conseguiu ainda convencer seus administradores e governantes da importância dos dados do Censo.

*“O Censo que revela um alto grau de descuido com a questão educacional deve-se constituir um alerta à sociedade”*

Eu espero que no Recenseamento sejam coletados dados sem preconceitos. É preciso que as perguntas sejam contemporâneas, modernas, que indaguem mas não questionem a sociedade, ou seja, que se limitem às necessidades antigas e preliminares do Censo. Sem preconceitos e induções ideológicas. Por exemplo, a questão da cor me deixa muito sensível. Desde pequena eu vijo muito e era frequente a indagação nos hotéis sobre a minha cor. Eu repudiava isso e me lembro que uma vez, já como escritora em Porto Alegre, eu me recusei a responder e rasguei a ficha. É uma questão constrangedora.

O Censo que revela um alto grau de analfabetismo ou de descuido quanto à questão educacional deveria constituir um alerta à sociedade. Mas, no Brasil, isso não tem acontecido porque os governantes sabem muito bem do problema e não por isso levam tudo a sério quanto deveriam. Seria fantástico se os governantes respeitassem os resultados do Censo e tomassem esses resultados

*Cor é item polêmico nos censos de países em que predomina a mestiçagem e onde a cor da pele é questão sensível; do ponto de vista social, caso brasileiro. Após consultar especialistas, o IBGE estabeleceu cinco denominações, tentando encontrar as variáveis mais adequadas à intenção estatística de contar os brasileiros segundo a cor — branca, preta, amarela, indígena e parda. A classificação não gerou unanimidade. Neste número, CENSO ouviu as escritoras Nêida Pinon e Rachel de Queiroz, além da demógrafa do IBGE, Valéria da Motta Leite sobre este aspecto intrigante do Censo 91.*

criso um sinal. Uma sociedade que demonstre por exemplo, graus elevados de miséria, precisa estar realmente alerta. Na prática, eu diria que os resultados anteriores têm sido muito mal aproveitados porque a gente não sente a presença do Censo nas decisões. Um dos méritos do Censo é justamente estabelecer prioridades, determinar necessidades. Quantas casas têm esgoto, quantas casas não têm esgoto, quais são os problemas reais da população? Tudo isso deveria constituir um sinal de alerta moral, ético e prático.

Eu guardo uma recordação sobre Censo que me sensibilizou muito. Eu era menina e ajudei um senhor vizinho meu a preencher o questionário. Esse senhor não sabia o que dizer no item referente a grau de instrução e tive que explicar a ele. Finalmente obtive a informação de que ele não havia nem completado o primário. Fiquei amesquorada por ter sido o veículo, alguém diante de quem ele fura obrigado a confessar que não tinha terminado o primário — inclusive diante do filho. Aquilo me causou uma angústia muito grande. Esse Censo eu me lembro muito bem.

Eu sempre respeito o recenseador muito bem, mas quero que ele esteja muito bem credenciado. Eu já fui assaltada, portanto, hoje em dia, qualquer um que toque a campainha da minha casa, eu fico muito atenta. Se o recenseador estiver seriamente credenciado, inclusive com fotografias, eu abro a porta com muita alegria. Eu quero contribuir para melhorar o meu país. ●

Nêida Pinon é escritora e ocupa o cargo de assessora técnica do IBGE. Rachel de Queiroz é escritora e ocupa o cargo de assessora técnica do IBGE.



A utilidade do Censo é tão óbvia que só países mais analfabéticos do que o nosso são capazes de desconhecer a necessidade de saber quantos somos, o que somos e o que devemos ser. Eu estimo muito esta oportunidade para tocar numa questão central a qual eu me rebelo muito, que é a questão da cor.

Agora já se indaga a cor do brasileiro — o que eu acho muito bom. Acho que a gente “fazer cara de investidor” e esquecer a cor do brasileiro é uma tolice. Mas eu me rebelo contra aquelas denominações de “branco, preto ou pardo”, que é uma denominação pejorativa. Ninguém quer ser pardo no Brasil. Mesmo os mulatos, sejam eles ou castanhos ou mamelucos, não querem ser “pardos”. Ninguém se diz “pardo”.

Obrigado pelo recenseador, o indivíduo pode até se permitir dizer “pardo”, mas de muito mau-grado. Então, eu proponho a denominação “moreno”. As denominações de cor, ficariam sendo “branco, preto ou moreno”. É a minha idéia. Fiz até um artigo sobre isso, publicado em *O Estado de São Paulo*.

Todo mundo quer ser branco ou quer ser negro e ninguém quer ser pardo, quando na realidade somos todos mestiços, somos todos morenos. Eu, por exemplo, não sou branca nem sou preta: sou morena.

Minha lembrança mais antiga sobre Censo? É de quando eu era menina, no Pará. Chegou um homem e eu disse: “tai um homem que se chama Recenseamento!” Se a gente não sabe quem somos, quantos somos, onde estamos, onde vivemos — o que fazemos — que são informações primordiais — a gente acaba não se conhecendo. E como é que você pode progredir, crescer e ter cultura se você nem se conhece?

*“Não sou branca nem sou preta”*

O IBGE é uma espécie de “Supremo Tribunal” a respeito máxima no negócio que se refere à geografia e estatística, à população. Com o IBGE a vida do brasileiro já é difícil; sem ele, seria mais ainda. Naturalmente que todo jornalista profissional usa e abusa dos dados que colhem no IBGE. São os mais confiáveis. ●

Rachel de Queiroz é escritora e ocupa o cargo de assessora técnica do IBGE. Valéria da Motta Leite é Coordenadora Técnica do Censo 91.

## Estatística não é antropologia

A pesquisa do Censo 91 é estatística e não antropológica. Em função disso, a necessidade de se obterem informações é muito grande. Os resultados de pesquisas anteriores realizadas pelo IBGE demonstraram, no entanto, que mesmo a este nível de agregação nas respostas, a investigação de cor ou raça é fundamental, embora tenha havido grandes disparidades nas diferenças sócio-econômicas. A criação da alternativa “moreno” deve-se a uma avaliação prévia, baseada nos resultados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio, que mostrou vários exemplos de interpretações regionais, pessoais e até subjetivas, não permitindo traçar uma variável nem levantamento estatístico. O mesmo entrevistado que se auto-classificava “moreno”, acabava de se declarar branco, negro ou amarelo no aprofundamento da pergunta.

Valéria da Motta Leite é Coordenadora Técnica do Censo 91.